

JULIANA PARRINI



Antes que  
aconteça



Copyright © 2015 by Juliana Parrini

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Edição*

Roberta Pantoja

*Capa*

Marina Avila

*Imagens de capa*

Fundo © Celso Diniz/Shutterstock  
Homem © @iStock\_000062035304

*Revisão*

Fernanda Vilanova

Marcela de Oliveira

Rachel Rimas

cip-Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

P271a

Parrini, Juliana

Antes que aconteça/ Juliana Parrini. — 1. ed. — Rio  
de Janeiro: Objetiva, 2015.

Sequência de: *Depois do que aconteceu*

237p. ISBN 978-85-8105-311-0

1. Ficção brasileira. I. Título.

---

15-25090

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

---

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

[www.objetiva.com.br](http://www.objetiva.com.br)

# *Agradecimentos*

*Agradeço* primeiramente à Deus, por me permitir criar vidas tão magníficas quanto Alex, Daniel e Isabel, que me fizeram companhia e me trouxeram emoções imensuráveis. Eles sempre terão um lugarezinho especial no meu coração.

Agradeço com todo o meu coração os leitores, por todo apoio e amor que transmitem, seja pessoalmente ou pelas diversas redes sociais das quais faço parte. Sem vocês, nada disso seria possível. Obrigada por tornarem esse livro realidade!

Agradeço com todo o meu coração à autora Camila Moreira. Dinda, esse livro é dedicado a você e seu imenso amor por um desses personagens. Obrigada pelo incentivo, desde o início.

A Carol Durães, que esteve ao meu lado na construção deste livro. Aprendi muito com você. Muito obrigada!

Às minhas amigas, por estarem ao meu lado, ouvindo meus medos, receios e comemorando cada conquista. Obrigada, Quedma Carvalho, Greice Fins, Vanessa Fiorio, Babi Barreto, Aline Paiva. Autoras do AU, adoro o astral de cada uma de vocês!

À minha editora, Suma de Letras, por acreditar nessa história.

Aos meus familiares, pais e irmãos, tias, primas e avós, que torcem por mim e estão ao meu lado em todos os momentos. Sou grata por tê-los ao meu lado. Obrigada sempre!

Um agradecimento mais do que especial ao meu marido, Tiago Parrini, por ouvir minhas loucuras com toda a atenção do mundo, por me incentivar

e me dizer que tudo dará certo. Obrigada por ser essa pessoa tão positiva, por sonhar alto por mim. Obrigada pelo seu imenso amor, por estar caminhando ao meu lado de mãos dadas. Eu te amo!

Às razões da minha existência, meus filhos Guilherme e Letícia. Desculpe pelas *gororobas* que fiz enquanto escrevia esse livro, pelo fast-food em algumas noites, mesmo sabendo o quanto vocês amam. Obrigada, meus pequenos, por se orgulharem da mamãe, por todos os beijos, abraços e até mesmo por pedirem atenção nos momentos que estava focada em Isabel. O amor que transborda do meu peito foi o mesmo que tentei expressar em palavras. Agradeço a Deus todos os dias por ter me dado a oportunidade de tê-los em minha vida. Eu amo vocês mais do que tudo.

# Prólogo

Alemanha, 2013

## Alex

*P*ela terceira vez olho para a carta que acabo de escrever e penso se devo enviá-la. Talvez não seja a hora certa, mas talvez nunca exista uma hora certa.

Tentei inúmeras vezes esquecer e seguir em frente, mas, quando me dou conta, eu só consigo pensar nela.

Não posso deixar que seja tarde demais. Preciso da minha Bebel. Tenho que voltar, rastejar e implorar. Fui egoísta ao partir, mas sofro as consequências desse ato a cada maldito segundo da minha vida.

Eu a amo, e deixá-la foi o maior sacrifício que já fiz. Mas estou disposto a voltar e reconquistar tudo que perdi. Farei da Isabel a mulher mais feliz desse mundo.

Olho para o espelho a minha frente e a imagem que vejo refletida é a de um novo Alex. A aparência é a mesma, mas o brilho em meus olhos é a prova de que estou pronto para buscar o que é meu. Leio a carta mais uma vez e de-cido que chegou a hora de voltar.

# Capítulo 1

## Isabel

*A*h, o tempo! Para muitos, intimidador, para mim, a salvação. Eu tinha muito medo do que o destino planejara para mim, aterrorizada com a possibilidade de ele ter me abandonado na inércia em que me encontrava. O medo rouba muitas coisas. Rouba sonhos e esperanças. Demorei a entender que o maior empecilho da minha vida era eu mesma, que ficava presa ao passado e me negava a ser feliz. Cheguei à conclusão de que não importa o que passou, e sim o que está por vir. Eu sei, é um grande clichê, mas todos nós muitas vezes nos pegamos pensando no que poderíamos ter feito em vez de no que podemos fazer. A verdade é que nunca é tarde demais.

À medida que nos libertamos de nossos medos, crescemos. Esta é uma das grandes virtudes do ser humano: a capacidade de se adaptar diante das circunstâncias. Perdi o medo e me atirei no escuro, sem saber o que me esperava. Se me arrependo? Nem por um segundo. Precisava daquele tempo no abismo. Afinal, tinha que chegar ao fundo do poço para perceber que existia um caminho para a luz.

Superei as mágoas, a angústia, a solidão, o medo e a saudade. Não posso negar que tive ajuda de um homem com incríveis olhos azuis que me fez perceber que eu poderia, sim, recomeçar, descobrir novos sonhos e acreditar mais em mim mesma. Eu venci.

Hoje me sinto mais forte, mas não invencível. E tenho a sensação de que algo vai mudar novamente. Será que depois de tanta súplica alguém resolveu atender aos meus pedidos?

*Tarde demais! Tarde demais!* Meu cérebro ficava repetindo essas palavras constantemente, um lembrete desnecessário da realidade. *Tarde demais! Tarde demais...*

Eu poderia fingir que a carta em minhas mãos era apenas mais um dos meus pesadelos, mas meu coração não deixaria. Sei que não. Ele está pulsando freneticamente.

Olho para o papel novamente e observo a linda letra desenhada, a mesma que vira infinitas vezes na carta de despedida. As palavras estão gravadas em minha mente e em meu coração. Relembro o momento de fúria que me levou a queimá-la. Tudo o que eu pensava na época era que ele deveria ter ficado ao meu lado, ter cumprido todas as promessas que me fez, em vez de fugir com medo de um futuro complicado. Deus, como desejei que isso acontecesse! Passei um ano inteiro pedindo por um milagre que nunca aconteceu.

Meu relacionamento com Alex era um conto de fadas. Tive tudo o que uma mulher poderia desejar, além da expectativa de um futuro ainda mais feliz. Mas o diagnóstico da esquizofrenia abalou nossas certezas. Afinal, era difícil lutar contra os fatos e as estatísticas. Nossa vida virou de cabeça para baixo: o casamento foi adiado e o sonho de ter filhos parecia cada vez mais distante. Era como se tivéssemos entrado em uma guerra completamente despreparados. Estávamos perdidos e inseguros, mas eu tinha certeza de que aprenderíamos a lutar contra essa doença. Só que, antes de termos a oportunidade de unirmos forças no campo de batalha, Alex desertou, na calada da noite, levando uma parte de mim com ele. Sem um último beijo, sem um último adeus. Deixando apenas uma carta escrita à mão.

*(...) Seja feliz, meu amor, é a única coisa que eu te peço.*

*Adeus,*

*Alex.*

# *Capítulo 2*

## Isabel

 vento gelado entra pela janela da cozinha fazendo um barulho assustador. O frio é a única sensação externa que me atinge. Meu coração está acelerado, e estou com falta de ar. Não sinto mais os pés no chão, tudo gira, como se a Terra estivesse fora de órbita e nada mais fizesse sentido.

Alex está voltando. Essa afirmação transforma meus pensamentos em um turbilhão. Entre todas as coisas que eu poderia prever, essa seria a última opção. O tempo fez meu coração acreditar que isso seria impossível, acho que ele soube antes mesmo de mim que era hora de seguir em frente. Foi a forma que encontrei para tornar tudo menos doloroso.

Cumpri o que ele havia me pedido, segui em frente. Estou feliz e pretendendo ter os filhos mais lindos do mundo, como sempre sonhei, com o homem que me deu a chance de amar novamente. Depois de todo o sofrimento, finalmente, colei os cacos do meu coração partido, pedaço por pedaço. E agora Alex decide que é hora de voltar?

*Isso é golpe baixo, Alex! Não conseguiu viver sem mim? Por que não pensou nisso antes de me abandonar?*

Um arrepio percorre o meu corpo. Ele não pode provocar esse efeito em mim. Não pode. Não depois de tudo o que passei.

Como se para ter certeza de que tudo aquilo era real, releio o final da carta pela terceira vez.

*(...) Eu te amo, sempre amei e sempre amarei.*

*Estou voltando para o Brasil no verão, então achei que seria justo te avisar com antecedência. Espero que seja tempo suficiente para você entender que eu fiz tudo isso para te ver feliz. Eu quero você para mim novamente, quero que pense na vida que ainda podemos ter juntos. Eu quero recuperar todo o tempo perdido e não medirei esforços para vê-la sorrir ao meu lado.*

*Estou estável e pronto para recomeçar. E eu vou, Bebel, vou passar a eternidade lutando para que você me perdoe e me ame novamente com a mesma intensidade que um dia me amou.*

*Eu havia te prometido que levaria nossos filhos naquela pequena ilha deserta. Eu irei cumprir, pode apostar!*

*Eu te amo para todo o sempre!*

*Com todo o amor,*

*Alex Simonelli.*

*Promessas, promessas! Um pouco tarde para se preocupar em cumpri-las, né, Alex?*

Sorrio, nervosa, recusando-me a acreditar no que acabei de ler, e pisco centenas de vezes para que as lágrimas se dissipem. *Deus, não posso chorar! Não posso!*

Dobro a carta com as mãos trêmulas e a deixo entre as outras correspondências. Apoio-me na bancada com força, como se tivesse que me segurar para não cair. Parece que estou presa em um pesadelo.

Pego um copo de água e bebo em um só gole, tentando desatar o nó na garganta. Sinto o rosto ferver e as pernas ficarem bambas.

Permaneço na mesma posição por alguns minutos e aos poucos consigo me recompor. Na sala, a música toca bem baixinho e a conversa flui animada. As gargalhadas chegam aos meus ouvidos assim que minha respiração volta ao normal.

Fecho os olhos ao sentir passos de alguém se aproximando por trás e me movimento, tentando não revelar nenhum sinal de que estou perdida. Preciso pensar. Pensar sobre o que acabo de descobrir.

— Ei! — A voz de Daniel me causa arrepios. — Quer ajuda para encontrar o saca-rolhas?

Ele me abraça por trás, e, sem forças, encosto a cabeça em seu peito e respiro fundo.

— Hum. Sim. Eu... — minha voz sai entrecortada — ... não achei.

Daniel desenlaça os braços do meu corpo e abre a primeira gaveta, encontrando o maldito saca-rolhas. Ele me olha e sorri.

— Nossa, eu abri essa gaveta — afirma, levantando um pouco os ombros.

— Acho que você fez de propósito. Sabe que não consigo ficar longe de você por muito tempo, não sabe, minha pequena?

Ele segura minha cintura e me vira.

Tento manter a cabeça baixa para que ele não me encare e note que alguma coisa está errada, mas Daniel pega meu rosto e me beija carinhosamente.

— Você está fria, Isabel. E pálida também. O que aconteceu? Você está bem?

Daniel coloca a mão na minha testa, verificando a temperatura.

— Está tudo bem. Acho que minha pressão baixou um pouco. Estava tentando me recompor antes de voltar pra sala.

*Não queria mentir, sabia que isso me mataria depois!* Também não quero estragar tudo o que estamos vivendo, afinal, Alex ainda era um tabu na nossa relação. Não adiantava o quanto eu me declarasse ao Daniel, Alex continuava sendo sua maior insegurança.

Alguns dias depois da festa de trinta anos da revista *Female*, onde aconteceu nossa reconciliação, ficamos noivos. Não teve ilha deserta nem nada muito exótico, embora tenha sido inesquecível. Daniel havia mencionado algumas vezes que queria se casar, mas sempre pedi que fosse com calma, para curtirmos o namoro e aproveitarmos cada momento juntos. Mas não resisti quando acordei em seu apartamento com um café da manhã na cama, alianças na bandeja, “Crush”, do Dave Matthews, tocando, um abdômen definido na minha frente e o sorriso de lado que tanto amo e que me enlouquece. Impossível dizer não. Foi o pedido mais excitante do mundo! Eu tenho sorte. Bom, pelo menos um pouco.

Tenho medo de como Daniel reagirá quando souber que o que ele mais temia se tornou realidade: Alex vai voltar. E, para piorar, disposto a recuperar a vida que deixou para trás.

*Isso não vai dar certo! Preciso pensar.* Alex não pode bagunçar minha vida novamente.

— Foi um dia de fortes emoções, por isso você deve estar assim. Venha. Vamos voltar pra sala.

Daniel olha para as correspondências em minha mão e se oferece para pegá-las. Imediatamente aperto-as no peito com a toda a força do mundo.

— Contas e mais contas... — digo, em uma tentativa de demonstrar indiferença. — Viu só? Papai nem pra me avisar. Vou guardá-las na bolsa, pra não esquecer. — Forço um sorriso.

Ele concorda, mas seu olhar é intenso.

— Você está mesmo bem, Bel?

— Eu te amo, Daniel.

No fundo, sei que essa confissão é feita a mim mesma.

— Eu te amo ainda mais, minha princesa.

Caminhamos abraçados até a sala e imediatamente coloco as correspondências na bolsa. Longe dos olhos, longe do coração. Só queria poder esquecer.

— Ah, aí estão os pombinhos! — exclama Luana. — Era só falar que queriam ficar sozinhos, o.k.?! Não precisavam fingir que não encontraram um saca-rolhas!

Todos na sala riem.

— Não... eu... — Sorrio, tentando parecer o mais normal possível. — Daniel me ajudou a encontrar.

— Hum, sei...

— Bel não está se sentindo muito bem — revela Daniel, sentando ao meu lado no sofá e segurando minha mão.

— O que você está sentindo, minha filha? — pergunta papai, preocupado.

— Estou melhor. Acho que foi minha pressão que baixou um pouco.

— Pressão baixa? Ih, tenho uma amiga no jornal que desmaiou outro dia por causa disso, sabia? — comenta Lúcia, abraçada a Jonathan.

— Sério?! Não acha melhor procurarmos um médico? — questiona Daniel, aflito, e faço que não com a cabeça. — O que ela tinha, Luana? Só pressão baixa mesmo?

— Não, não... Levaram a moça ao hospital e descobriram que ela estava grávida.

Arregalo os olhos e Daniel abre um pouco os lábios, surpreso. Não havia a mínima chance de uma gravidez, pois menstruei na semana anterior. O motivo do meu mal-estar era completamente diferente.

*Deus, o que vai ser quando Alex chegar?*

Todos me olham, cogitando a possibilidade. Balanço a cabeça, incapaz de falar algo sem desmoronar.

— Eu iria amar se estivesse — declara Daniel.

Ele beija meu cabelo, e eu sorrio.

— Eu também, mas acho que poderiam esperar até o casamento, o que acham? — brinca papai, pegando o saca-rolhas da mão do Daniel.

Meu pai nos serve um pouco de vinho, e a conversa logo muda de rumo. Embora mais tranquila, passo a noite no piloto automático. Não vejo outra alternativa a não ser omitir a existência da carta e fingir estar apenas indisposta.

# *Capítulo 3*

## Alex

*Alguns meses atrás...*

*Alemanha...*

*Continua* detestando tudo isso. Acho que nunca vou me acostumar a essa rotina extremamente angustiante. A irritação toma conta de mim todas as vezes que vou ao psiquiatra. Eles sempre dizem a mesma coisa: mantenha a vida o mais normal possível. Como posso ter uma vida normal se preciso de um psiquiatra e diariamente tomo dezenas de remédios para manter a estabilidade?

Não deveria reclamar, e sim agradecer pelo tratamento. Estou na Alemanha há quase dois anos e as consultas ainda são frequentes. Os surtos diminuíram drasticamente, mas não posso me dar ao luxo de abandoná-las. Como meu pai sempre comenta, isso seria retroceder e jogar fora o que já conquistei.

Logo após deixar o Brasil, tive uma crise atrás da outra. Cheguei a achar que estar permanentemente em surto era a melhor saída para esquecer o que fiz com Isabel, e parei de tomar todos os remédios. Foi uma escolha infantil e completamente desesperada, eu sei, mas meu único objetivo era ser internado e dopado. Ficar inconsciente por dias era a oportunidade de perder a noção do tempo e, assim, não me dar conta de que Isabel estava longe havia tantas semanas. Até que comecei a ter alucinações — via Isabel triste e com uma raiva descomunal —, e elas me perseguiam dia após dia, me deixando ainda pior.

Eu me culpava a cada maldito segundo por imaginá-la sofrendo e pedia aos céus que ela fizesse o que eu escrevera naquela carta. Ainda que meu coração estivesse despedaçado, não havia saída: ela precisava recomeçar, e eu precisava apenas existir.

Morar na Alemanha não foi uma escolha minha, mas sim dos meus pais. Os dois acabaram revelando que as longas viagens que diziam ser a trabalho eram na verdade para o tratamento de esquizofrenia da minha mãe.

Entre os inúmeros surtos que tive em Frankfurt, minha mãe ficou doente. No início, ela tentou a todo custo fingir que nada havia acontecido, que eu não era esquizofrênico, muito menos ela, que estávamos de férias e que eu não havia abandonado a mulher da minha vida. Perdi as contas de quantas discussões tivemos. Meu pai acabava concordando com suas fantasias, mas nunca deixou que ela abandonasse o tratamento.

Observar os dois juntos partia meu coração. Era impossível não imaginar como seria o futuro da minha Bebel ao meu lado, enfrentando constantemente os meus delírios e lidando com toda aquela loucura.

Meu pai acabou se tornando um homem comandado pelo desequilíbrio dela. O amor era visível, o cuidado e o carinho também, mas sua vida se resumia a cuidar da esposa. E não era isso que eu desejava para a minha Isabel. Confesso que, secretamente, por algumas vezes, invejei minha mãe, pois ela ainda tinha o amor ao seu lado. Eu estava sozinho, era um homem sem alma.

Minha mãe faleceu alguns meses depois que chegamos à Alemanha, por problemas cardíacos. Na época, não consegui entender muito bem o que tinha acontecido, estava surtado, em meio a uma crise forte. A única coisa de que me lembro foi encontrar meu pai chorando desesperadamente em um canto da sala, enquanto alguns fantasmas insistiam em me perseguir. Acordei uma semana depois no hospital psiquiátrico. Eu me sinto um merda quando penso que não o deixei sofrer a perda do seu grande amor em paz. Também senti a morte dela, ainda mais por assistir ao sofrimento do meu pai. Observá-lo se afogar na tristeza foi angustiante; ele se tornou a sombra do homem que foi um dia. Isso fez com que ele finalmente percebesse como eu me sentia: um homem vazio.

Minha mãe foi ausente na maior parte do tempo, e, quando conversava comigo, era fria. Apesar de tudo, era minha mãe, e eu devia o mínimo de respeito a ela e ao meu pai. Por isso, resolvi tentar ficar com os pés no chão. Retomei as consultas com um novo psiquiatra e voltei para a terapia de grupo. Não podia ser egoísta novamente. Já tinha gastado a cota de egoísmo de uma vida inteira.

Estou na sala de espera do consultório e à minha frente está um homem que aparenta ter uns cinquenta e poucos anos. Ele está sentado tão ereto que chega a dar nervoso. Muito bem-vestido e penteado, está tão sereno que em alguns momentos pega no sono. Eu o observo cochilar quando ele se assusta com algo invisível e sussurra coisas indecifráveis para o assento vazio ao seu lado. Aquela visão me enjoa: estava diante da minha real condição. Estaria condenado para sempre a essa doença.

Em outra cadeira está uma adolescente toda vestida de preto, com o cabelo negro cobrindo boa parte do rosto. Desde que entrei no consultório, ela me encara fixamente, sem nem ao menos piscar. A senhora ao seu lado, que parece ser sua mãe, chama sua atenção ao perceber meu constrangimento. Não dá nem para imaginar o que ela está pensando enquanto me olha.

Eu me remexo na cadeira, completamente desconfortável com a situação.

— *Herr Simonelli.*

Para meu alívio, a enfermeira me chama. Sigo em direção à pequena sala ao lado da recepção, onde ela me aguarda. Sou cumprimentado com um bom-dia em alemão e um sorriso discreto, enquanto me sento na maca para uma avaliação primária antes de ser atendido pelo psiquiatra.

A enfermeira é uma linda jovem de cabelo avermelhado e olhos cor de mel, quase verdes. Nunca a vi por aqui, com certeza me lembraria dela. Olhando atentamente, vejo semelhanças com a cor dos olhos da minha Bebel e logo tento afastar o pensamento.

Ela começa a falar rapidamente em alemão e fico um pouco perdido. Mesmo que eu passe o resto da vida aqui, tenho certeza de que não aprenderei a falar perfeitamente o idioma. Por isso meu psiquiatra é inglês. Passo a mão no rosto meio frustrado enquanto ela espera minha resposta. Não conseguiria conversar com essa garota em alemão.

— Hoje o dia vai ser difícil — digo para mim mesmo, e a enfermeira para de falar, me encarando, espantada. — Falei alguma besteira? — pergunto em português, sem me importar.

— Ah, não. Desculpe, não sabia que era brasileiro.

Suas palavras são música para meus ouvidos. Fico deslumbrado ao ouvir outra pessoa além do meu pai falar a minha língua tão perfeitamente.

— Uau! — digo, arfando. — Parece que agora alguma coisa está dando certo. Brasileira? Eu sou carioca — informo, alegre.

— Mineira — revela, abrindo um sorriso.

— Nossa, é bom ouvir nossa língua novamente, digo... É tudo tão difícil aqui em Frankfurt.

— É realmente raro ver brasileiros por essas bandas.

— Você mora aqui há muito tempo?

— Quase dez anos.

Ela começa a anotar algumas coisas no meu prontuário e logo faz as perguntas de praxe, em português, e anota detalhadamente as respostas.

No pequeno crachá está escrito seu nome: Ester Arantes. *Como não li isso antes?* Sorrio sozinho. A enfermeira para de escrever e me encara.

— Algum problema, senhor?

— Ah, não, desculpe, é que não tinha reparado seu nome. — Aponto para o crachá. — Teria me poupado alguns neurônios tentando entender alemão...

Ela sorri um pouco e não responde. Abaixa novamente a cabeça e volta a escrever no papel. Percebo a caneta tremer bastante em sua mão.

— Você está tremendo. Posso ajudar em alguma coisa?

— Ah, não. Estou um pouco nervosa, só isso. É meu primeiro dia de trabalho, então... — confessa, se levantando e ajustando o medidor de pressão no meu braço e apertando alguns botões enquanto fico encarando seu belo rosto.

— Por isso nunca te vi aqui.

— Você é meu primeiro paciente.

— Sério? Não sei se fico feliz ou com medo — brinco.

Ela retira o aparelho, anota o resultado no prontuário e me encara.

— Está se saindo muito bem, Ester. A outra enfermeira, a senhora *Flizgerard*, quase decepou o meu braço. Você tirou a minha pressão direitinho.

— É um bom começo, sr. Simonelli.

— Alex. Pode me chamar de Alex. Então, o que você costuma fazer quando está nervosa? — pergunto, puxando assunto. Apenas olhar seu rosto me deixa feliz, sinto-me confortável, como se estivesse matando um pouco da saudade que existe dentro de mim.

— Eu bebo cerveja. Não posso negar que as daqui são infinitamente melhores do que as do Brasil.

— Eu só não posso concordar com você porque ainda não tive a oportunidade de prová-las. Se é que você me entende. — Levanto um pouco os ombros, levemente contrariado. Uma das principais restrições do tratamento eram as bebidas alcoólicas. — E só não te convidou pra tomar uma cerveja agora por dois motivos.

— Ah, eu também não poderia, eu... — Ela sacode um pouco a cabeça e cora, como se percebesse que havia falado besteira.

— Primeiro, você está no meio do expediente, e isso poderia atrapalhar seu primeiro dia de trabalho. Jamais faria isso. Segundo, estou proibido pelo